

Entrevista com o historiador Francisco José Silva Gomes

Entrevistadores:

Filipe Duret Athaide*

Juliana Torres Rodrigues Pereira**

Apresentação:

Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1972, o Professor Francisco José Silva Gomes é Mestre em História pela História pela Universidade Federal Fluminense (1979) e Doutor em História pela Université de Toulouse Le-Mirail (1991). Foi professor de História Medieval na PUC-Rio, UFF e UFRJ, onde foi professor desde 1997, tendo se aposentado em junho de 2017.

Ars Histórica: Gostaríamos de agradecer em nome de todo o comitê editorial e dizer que para nós que fomos alunos do senhor na graduação é um prazer enorme poder fazer esta entrevista.

Primeiro, gostaríamos que o senhor falasse um pouco sobre a sua formação e como foi o seu caminho até chegar na História Medieval

Francisco José Silva Gomes: É uma longa trajetória! Na minha época, a História Medieval, no Brasil, ainda estava muito restrita à USP (Universidade de São Paulo), e a formação dos professores se dava, em sua grande maioria, no exterior. Havia um grupo, uma equipe de professores que estava tornando o ensino de História Medieval não só importante na USP, como também atualizada em termos historiográficos. Enquanto que no resto do Brasil, e no Rio de

Entrevista realizada no Instituto de História da UFRJ, no dia 25 de outubro de 2017.

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS/UFRJ). fduret@gmail.com

** Pós Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS/UFRJ) julianatrp@gmail.com

Janeiro, a História Medieval não atraía alunos, nem professores. E os professores que existiam eram tradicionais em suas visões teóricas, ainda estavam muito ligados a uma historiografia bem antiga. Quando muito, alguns se atualizaram com Marc Bloch e a Escola Francesa, mas ainda eram poucos. Então, sendo sincero, quando eu fiz o meu curso na atual Universidade em que estou, e que dei aula à vocês (que não se chamava assim, se chamava Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) na realidade, o curso de História Medieval foi muito disperso, com um professor e vários assessores que davam aulas. Mas, na realidade, depois eu mudei para a PUC (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e lá, a formação foi mais tradicional. Eu tive uma professora, que na época tinha sido professora aqui também (FNFfi/UFRJ), que era teresiana e por isso também trabalhava na PUC. Ela quem lecionava História Medieval. Ela me fez muito despertar o gosto pela História Medieval, mas devo dizer que já trazia este gosto do tempo de escola que, lá em Portugal e na França, se chamavam Liceus. Eu estudei num Liceu francês, e depois num liceu português nos dois últimos anos, lá eu conheci uma professora que era de nível muito alto, que gostava muito de História Medieval e que despertou meu interesse por História Medieval. Ela falava de todos os períodos, mas era especialista em História Medieval e era casada com um grande medievalista. Então, na realidade, havia ali um interesse, pois a professora também era uma especialista.

Depois, quando cheguei no Brasil fiquei indeciso, via que todo mundo só gostava de História do Brasil e comecei a pensar também em História do Brasil. E foi assim que terminei a minha graduação, pensando em fazer uma pós-graduação em História do Brasil. Fui fazer essa pós-graduação na UFF (Universidade Federal Fluminense), com um professor que já faleceu, de origem americana, professor Vincent Valla¹, que foi meu orientador. Fiz minha dissertação em História do Brasil que defendi em 1979 e logo em 1980 me contrataram para a UFF, para lecionar História Medieval.

AH: Como foi essa primeira experiência na UFF?

FJ: Foi uma loucura! Porque na realidade eu queria fazer seleção para lecionar História do Brasil, mas não abria vaga. As vagas que existiam eram logo preenchidas pelos melhores que faziam os concursos e eu tinha medo, receio mesmo, de me expor, então, ficava adiando. Na

¹ Victor Vincent Valla (1937-2009) foi professor adjunto da UFF e pesquisador titular da Fundação Oswaldo Cruz. Entre seus principais trabalhos, destacam-se *Cultura Popular e Religião*. Rio de Janeiro: Editora DP & A, 2001 e *Para Compreender a Pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto/Escola de Governo em Saúde, 2005

época pensava: “vou fazer o mestrado, primeiro, o doutorado e depois eu vejo como fica”. Um pouco também naquela mentalidade europeia, que não é como aqui, que se faz tudo em sequência, indo rápido, rápido. Aí os colegas de lá (da UFF), que eram meus amigos e me conheciam por frequentar lá também, diziam: “vai Francisco! Faz o concurso para essa matéria (que era História Medieval), e depois a gente consegue puxar você para História do Brasil, quando você já for professor da casa!”. “Ah, é uma boa ideia” eu pensei. Estudei como se estivesse estudando para uma prova de vestibular, estudei muito História Medieval, peguei de todos os tipos de livro da disciplina e me apresentei então para a vaga de História Medieval. Já naquela época quem dirigia a área era a professora Vânia Froes², que hoje é minha grande colega. E eu fiquei um pouco embaraçado, pensando: “como é que eu vou fazer?”. Quando acabou o concurso e fui aprovado é que descobri que não ia ministrar só História Medieval. Na UFF havia História Medieval do Ocidente e do Oriente e eu ia dar História Medieval do Ocidente, que era o que a professora Vânia Froes costumava fazer. E, como ela ia fazer doutorado, eu ia cobrir esta disciplina, como contratado. O concurso que não era para efetivo. Aí fui. E, de repente, eu me vi dando aula de História Medieval do Ocidente e História Antiga do Ocidente, pois o professor na época era obrigado a fazer as duas. Eu disse: “agora Grécia e Roma também? Eu vou ter que estudar tudo isso, correndo?” Então eu estudava, estudava, preparava as aulas, era uma loucura! Mas as aulas de História Antiga eram mais concisas, pois como eu sabia menos, era uma aula bem arrumadinha. As de Medieval, para mim, eram o caos, porque eu já sabia mais, estudava, estudava, parecia que estava fazendo uma preparação para o que hoje seria uma conferência. E aí foi. Não só me dei bem, como me apaixonei e aos poucos comecei a gostar de meus colegas que eram da área. Quando eu pensava em mudar, eles ficavam furiosíssimos, os alunos me adoravam e então eu comecei a pensar: “não sou especialista, mas posso, quem sabe, tentar”.

Mas nisso eu já estava num processo de sair para fazer o doutorado, e era para História do Brasil de novo. O doutorado seria na França, e assim foi, com um trabalho sobre a Diocese do Rio de Janeiro. História Medieval era o que eu fazia, o que eu lia e estudava desbragadamente. Aí, quando eu voltei, obviamente, já como doutor, com uma tese sobre História do Brasil, Diocese do Rio de Janeiro, simplesmente não me deixaram sair, e disseram: “você vai continuar! você vai continuar lecionando História Medieval!” E na realidade,

² Vânia Leite Fróes é professora titular de História Medieval na UFF, participa de diversos grupos de pesquisa no Brasil e exterior, sendo coordenadora do *Scriptorium* – Laboratório de Estudos Medievais e Ibéricos da UFF e tem na história política e cultural da Península Ibérica seu principal campo de estudos.

continuei lendo e estudando muito, mas, nem o mestrado e nem o doutorado é em História Medieval. Contudo, vocês foram meus alunos e sabem que eu sei um pouquinho de História Medieval. E continuo lendo, e continuo me apaixonando por História Medieval.

Hoje, se eu tivesse que preparar uma aula de História da Igreja no Brasil, eu teria que estudar de novo o tema da minha tese, e ler todos os livros que tenho em casa, que são prateleiras. Enquanto sobre História Medieval não preciso mais, já sei tudo na ponta da língua. É impressionante como as coisas são! Meus colegas na França ficam sempre muito admirados, pois eu não tenho nenhuma especialização em História Medieval. O professor Jean Claude Schmitt³ que sempre me convida e que é sempre muito simpático comigo, me diz: “Francisco, é impressionante! Você é especializado em História da Igreja no Brasil e conhece História Medieval maravilhosamente bem!”

AH: O senhor poderia nos falar mais sobre sua experiência no doutorado na França?

FJ: Na realidade, para o doutorado na França existem duas possibilidades: para aqueles que são funcionários públicos, existe o doutorado de nível muito elevado, muito exigente, chamado *doctorat d’Etat* – doutorado de Estado, e Estado aqui entenda-se os funcionários públicos, professores de carreira pública – e *doctorat troisième cycle* é para qualquer aluno que queira fazer doutorado. Então, na maioria das pessoas se apresenta para o *doctorat troisième cycle*, que foi o meu caso. Na realidade, eu me propus a fazer o doutorado na França pois eu tinha muito desejo de passar um tempo na lá, um desejo ligado à minha formação em língua francesa. Então eu tinha essa paixão de ficar um tempo na França. Só que para História da Igreja no Brasil não havia especialistas. E para onde eu iria? Eu ia para Toulouse, porque a UFF tinha acabado de fazer um acordo bilateral com a Universidade de Toulouse. E o responsável francês era o professor Bartolomé Benassar⁴, grande especialista da Inquisição da Espanha. O *Monsieur* Benassar, uma pessoa gentilíssima, simpatizou muito comigo e me ajudou de maneira magnífica na França. Eu até consegui um apartamento funcional, como se eu fosse funcionário da Universidade pois, segundo ele, eu já não tinha idade para ir à uma residência universitária com os mais jovens. Ele convidou um colega que tinha interesse por História da Igreja, mas não

³ Jean-Claude Schmitt é professor da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (Paris) e um dos mais importantes historiadores de sua geração. De sua vasta produção, destacam-se as obras *Le saint Lévrier* (1979), *La raison des gestes dans l’Occident médiéval* (1990) e *Les Revenants: les vivants et les morts dans la société médiévale* (1994). Este último publicado em 1999 pela Companhia das Letras com o título: *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*.

⁴ Bartolomé Benassar é professor emérito de História Contemporânea na Universidade de Toulouse e especialista na história da Espanha Moderna (século XVI e XVII) e contemporânea.

entendia nada de Brasil que, então, ficaria responsável. Então, eu tive que fazer o doutorado praticamente sozinho, esta foi a realidade. Tudo o que não foi bem feito na tese, eu não posso culpar meu orientador, pois fui eu quem fiz todos os caminhos, sozinho.

Eu levei todas as minhas pesquisas do Brasil, e tive que voltar durante o doutorado, para mais seis meses no país, com licença da bolsa que eu tinha – o acordo era bilateral e eu tinha essa bolsa, que era garantida pelo governo brasileiro, via CAPES/CNPq. Tive que pedir permissão, o que foi autorizado. Fiquei seis meses aqui, hospedado na casa de minha irmã, pesquisando os detalhes que eu senti que estavam faltando. Depois fui para Roma, onde fiquei bastante tempo, também fazendo pesquisas no Arquivo Vaticano, e outros arquivos de Roma ligados à Igreja. Em Roma tive a alegria de ter sido recebido e hospedado no Colégio Pio Brasileiro, que é um colégio eclesiástico. Eles me ofereceram um quarto e a alimentação, por um preço bom e alguns alunos me ajudaram bastante. Eram ótimas companhias para os finais de semana e aí, podia relaxar do trabalho nos arquivos. Foi com eles que fui a primeira vez à Tivoli, que é um lugar turístico, além de outros lugares próximos à Roma. Isso era muito bom, pois me dava bem-estar e a acolhida para fazer as pesquisas. Depois voltei para a França e continuei a escrever.

Nisso aconteceu uma coisa que prova como só pensam em mim para dar aulas: fui convidado para dar aulas de português. Um professor brasileiro teve uma disputa com a diretora e voltou para o Brasil, no início de ano. Eles não tinham agilidade para vir um professor do Brasil correndo, o ano estava começando e já havia alunos em sala de aula. Aí uma colega, muito minha amiga, que tinha vindo do Brasil há pouco tempo, e que era muito querida no departamento de português, veio conversar comigo para eu dar aula no lugar dele. Aulas de português! Eu não sabia o que fazer! Eu quis negar, mas não consegui. A Diretora foi falar com *Monsieur* Benassar, que autorizou, e dizia: “É só para não deixar o pessoal lá com problemas, coitados!”. Particularmente não gostei muito da experiência de dar aula de português. Eu que dava aula de francês há anos, na Aliança Francesa aqui no Brasil, dei aula por 18 anos antes de ir para a França. Não gostei, achei a experiência muito desagradável. Até que, num segundo período, resolveram que eu não daria mais aula de Língua Portuguesa, mas aula de História e Civilização Brasileira, de instituições, cultura brasileira, esse era o programa. Ai eu já gostei, já me coloquei num lugar que gostei. No ano seguinte, pergunta se chegou outro professor? Claro que não! Eu tive que dar aula mais um ano. Dois anos seguidos. Pergunta se a tese avançou? Não avançou. Pergunta se a tese foi redigida? Na minha volta ao Brasil. Agora, como daria aula e escreveria a tese? Vocês não sabem o que aconteceu. Aconteceu um movimento de professores e estudantes de greve que durou quase cinco meses.

AH: Aqui no Brasil? Quando o senhor voltou?

FJ: Cinco meses. Foi aquela inflação horrorosa! Estava tudo errado! Nos cinco meses de greve aproveitei para trabalhar na tese e eu precisava terminar, por que estava enorme, não acabava. Parecia assim um romance que nunca mais acabaria. Aí dois colegas meus, disseram: “Francisco, não se preocupe, nós vamos lhe ajudar. Cada um vai pegar uma turma sua elas vão ter aula e você continua na tese.” E foi graças a esses meus colegas (um já faleceu, Rogério Ribas⁵ e a outra professora deixou a profissão e foi morar numa fazenda) que eu consegui terminar o texto e mandar para a França os três volumes, 1095 páginas. E aí lá foi tudo. História da Igreja no Brasil e Diocese do Rio de Janeiro. Já professor de História Medieval, a todo vapore escrevendo tese em Brasil. Até hoje os professores franceses não entendem essa lógica.

AH: Aproveitando o tópico sobre História da Igreja no Brasil, o senhor orientou, tanto na UFF quanto aqui (na UFRJ), alguns colegas que hoje são professores e trabalham com a temática. Como o senhor enxerga esse campo de estudos hoje?

FJ: Foi sempre um campo muito fértil. Só que acontece o seguinte, eu fui me desligando aos poucos. Mesmo que tenha orientado aqui e acolá, isso já faz um pouco de tempo. E eu fui me desligando, só ficando com História Medieval. A maioria dos mestrados e doutorados são em História Medieval. E também a maioria das bancas são em Medieval. Vez ou outra me chamam para Igreja. Ou seja, eu fui sendo visto como professor de História Medieval, por colegas e alunos. Veja esta entrevista, por exemplo (risos). Eu sou sempre convidado para História Medieval. Agora vou a Portugal, é claro, História Medieval de novo. Um encontro de medievalistas. Há doze anos nos encontramos anualmente. Um ano aqui, um ano em Portugal. Esse ano é em Portugal. Eu só comecei a fazer parte do grupo no quinto ou sexto encontro. Já participei de várias bancas e trabalhos dele, tenho um texto meu publicado no livro dele, que os

⁵ Rogério de Oliveira Ribas foi professor de História na UFF, atuando nos períodos da Baixa Idade Média e inícios dos Tempos Modernos, com ênfase em cursos sobre as sociedades islâmicas. Doutorou-se em 2005 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no Instituto de Estudos Árabes e Islâmicos, com a tese Filhos de Mafoma: mouriscos, cripto-islamismo e inquisição no Portugal quinhentista. Suas pesquisas orientaram-se para o estudo da Península Ibérica entre os séculos XV e XVII, principalmente em torno dos seguintes temas: inquisição portuguesa, mouriscos, renegados, escravidão ibérica, islamismo, cristianismo e judaísmo em Portugal, norte da África, além da presença muçulmana no Brasil. Dedicou-se ainda à pesquisa da presença inquisitorial no norte da África. Faleceu em janeiro de 2012.

meus alunos todos leram: Igreja e Poder. Até vocês também leram obrigatoriamente. (risos) E agora o 12º encontro em Lisboa, continua minha ligação com a História Medieval, mesmo aposentado. E quando aparece um trabalho ou outro de banca, é em Medieval.

AH: Essa transição para a História Medieval então é muito marcada pela atividade em sala de aula. Nós queríamos também perguntar um pouco sobre isso, porque o senhor é conhecido aqui no IH/UFRJ por ser rigoroso em sala de aula. No entanto, é um dos professores mais queridos, com turmas sempre cheias.

FJ: O rigor não mata as pessoas. Por outro lado eu acho que, pedagogicamente, a aposentadoria não existe por acaso. Com os anos se passando, a gente vai ficando distante de todas aquelas noções pedagógicas que aprendemos no tempo da graduação e foi aprendendo por leituras. Mas, na realidade, isso sempre foi visto – não sei se ainda na geração de vocês, mas na minha geração – como um fardo muito chato e ninguém gostava. A disciplina que hoje se chama “Prática de Ensino”, na qual você aprende a dar aulas, eu não tive que fazer, pois resolvi isso direto no colégio, substitui duas professoras que entraram em licença maternidade e então lecionei durante seis meses aulas para as turmas. Essa foi a minha Prática de Ensino. Eu fiquei no lugar delas para dar aula, foi a minha função. Aulas de Segundo Grau (atual Ensino Médio).

Ah, eu não falei sobre a questão de ser severo. Na realidade, isso que vocês chamam, e eu concordo, de que em termos pedagógicos eu sou uma pessoa de mais rigor em sala de aula, devo dizer que foi devido a minha formação escolar. Eu fui educado com esse esquema de rigor. Existem regras que o aluno deve cumprir na aula e fora de aula. E ele deve cumprir essas regras! Foi assim que eu fui educado. E você dirá: “Por quê?” Porque era a época. O ensino tradicional ainda era muito dominante quando eu fui para a escola. As novidades de ensino para garotos e crianças eram novidades muito pouco aplicadas num país como Portugal e, por incrível que pareça, num país como a França. Onde, no ensino público, essas experiências não tinham entrado ainda – entraram no ensino particular, mas no público não tinham entrado coisa nenhuma. E como eu estudava num colégio francês público, em Portugal, na realidade, eu fui educado com essa mentalidade, com rigor. Existem regras que tem que ser cumpridas. Quando eu comecei a dar aula na Aliança, não senti uma grande dificuldade porque eu estava com colegas franceses também. Os brasileiros ficavam um pouco mais espantados com certos rigores meus e de colegas franceses. Diziam: “Você é português, mas parece igual a eles,

Francisco”. Não admira, pois se eu fui educado por eles, tenho que ser igual a eles, né? E depois, minha mãe era uma “generalá” em casa. Lá, tinha que ser como ela mandava. A escola e ela se juntaram. Quando cheguei aqui no Brasil não encontrei dificuldades no início, porque, no início, não fui professor. Encontrei muita coisa parecida ainda, mas experiências mais novas já existiam, entendeu? E aí, foi dando aula que eu comecei a ter que fazer algumas concessões. Na UFF nem tanto, mas aqui é que eu comecei a fazer mais. Então eu comparo meu tempo na UFF com um pai e, aqui, como um avô. Entendeu a brincadeira? Aqui como um avô. Eu comecei a ter muita abertura aqui e vocês pegaram rigor. Agora então, no final, eu já fechava os olhos para muita coisa, entendeu? Já não tinha aquele rigor que vocês pegaram. Vocês foram dos anos....

AH (Filipe Athaide): Eu tive aula com o senhor em 2004, acho.

FJ: 2004, agora imagina, já estamos em 2017!

AH (Juliana Pereira): Eu tive em 2006, 2007.

FJ: Então imagina, já são dez anos em cima! Nesses dez anos, de fato, muita coisa mudou, porque quando vocês foram meus alunos eu tinha apenas dez anos aqui. Em 1997, nem chegava a dez anos. Então eu ainda estava no rigor, ou seja, não tinha ainda amolecido tanto. Eu fui amolecendo, sinceramente, aos poucos. Mas em certas coisas eu não podia, por exemplo, exigência de fazer avaliação, de presença em sala de aula. Porque para mim, essa exigência de sala de aula faz muito sentido, e eu fui descobrindo porque faz sentido. Não era pelo mero rigor, é porque minhas aulas eram pedagogicamente aulas de exposição, expositivas. Pedagogia ativa, aula expositiva. Como é que numa aula expositiva o aluno não está? Se tudo passa pela exposição, e não só pelas leituras. Porque se não tiver aula expositiva, como é que ele vai para as leituras? Ele vai fazer um curso completamente seu, e não meu. Eu ainda acho que o aluno tem que seguir um pouco o que o professor está sugerindo, entendeu? Daí o rigor. Contudo, já na UFF, mas muito mais aqui (porque o tempo foi passando, e eu fui ficando também mais velhinho e mais sábio também), esse rigor vocês viram que sempre tinha ajuste. Nunca deixava o aluno numa situação complicada. Eu sempre tentei uma solução.

AH: E a sua experiência aqui na UFRJ? Conte-nos um pouco como foi sua trajetória como professor universitário, tendo passado pela PUC, UFF e UFRJ. Como foi sua experiência enquanto professor de História Medieval aqui na UFRJ?

FJ: Quanto a minha trajetória, ela é muito complexa e longa. E se eu for ficar aqui falando... Velho gosta de memórias, e não é só o historiador quem está falando, é o velho também. Eu comecei a trabalhar muito jovem, por necessidade. Já estava no primeiro ano da universidade, eu só fiz o primeiro ano aqui, que não era aqui, era lá na Casa de Itália⁶. Estudávamos lá. As aulas eram lá e no início do ano seguinte eu fui para a PUC. Mas por que eu fui pagar a Universidade se eu estudava na pública (e a PUC na verdade era muito famosa)? Eu precisava trabalhar para ajudar minha família. Já estava na Aliança, trabalhava como professor de francês e não podia abandonar os cursos. Então, eu tive que ir para a PUC porque não tinha alternativa, uma vez que os horários da PUC eram mais compatíveis com o trabalho dos que o da FNFi. Tive a sorte de ter tido uma aluna na Aliança (Francesa) que era religiosa, uma superiora do Bom Pastor, que estava lá como minha aluna de francês, porque ela iria passar um tempo na França e queria melhorar o francês para falar com as irmãs nas reuniões. Então, ela fez aulas comigo e percebeu o que estava acontecendo. Eu expliquei para ela e ela pediu ao seu Cardeal, que na época era Dom Jaime de Barros Câmara, que tentasse uma bolsa para mim lá na PUC. Ele quis me conhecer, fez questão que eu fosse ao palácio, conversou muito comigo e disse: “agora o senhor vai lá na PUC falar com o padre jesuíta responsável pelas bolsas, e a gente vai ver.” Cheguei lá, fiz toda a entrevista, e aí me deram dois terços de bolsa. Eu tinha que pagar um terço de mensalidade. Fiz o segundo, terceiro e quarto ano lá. Eu precisava trabalhar e aqui era uma loucura. O primeiro ano era de manhã, o segundo, terceiro e quarto era de tarde. De tarde eu não podia, porque tinha que dar aula, era o horário melhor na Aliança Francesa. Bom, isso fez com que eu fosse aos poucos começando a procurar trabalho em outros lugares.

Trabalhei na Aliança, mas a seguir apareceu uma proposta para eu ir dar aula na PUC. No Departamento de Teologia e História da Igreja. Mas desta vez é do Brasil, estava redigindo o meu mestrado, ia defender naquele ano, em 1979 e já fui chamado para dar aula. Bom, dei aula lá na PUC, de História da Igreja e do Brasil. Fiz sucesso com os alunos, eles gostaram e eu também, fiquei muito feliz, mas depois choveu em cima de mim a seguinte, nem foi proposta, na realidade foi decisão. O diretor do departamento me chamou e disse: “Francisco, acontece o seguinte: um dos professores vai voltar para seu país de origem; vai nos deixar porque está idoso e quer voltar para casa. E as matérias de história da Igreja vão ficar sem professor. É você

⁶ Antes de desenvolver suas atividades no atual prédio do Largo de São Francisco, a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), integrada à Universidade do Brasil (atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro), funcionava no Edifício Itália, atual sede do Consulado Italiano no Rio de Janeiro, situado à Av. Antônio Carlos, 40, no Centro do Rio de Janeiro.

que vai dar.” Eu disse: “Mas padre, eu não sou especialista. Eu só estudei História da Igreja do Brasil. Como eu vou dar agora essas matérias?” Então foi assim que eu fui dar aula de História da Igreja Antiga, Medieval... todos os períodos. Tive que estudar tudo. Parecia que estava estudando para vestibular. Lia, lia, lia. E foi nessa época exatamente, pelo sucesso que eu comecei a fazer na PUC, que me chamaram para o curso de História da Igreja na Diocese. Era um curso para leigos, que funcionava todas as noites num colégio que emprestava as salas para a diocese e eu dava História da Igreja. Então já tinha três lugares para trabalhar. Apareceu a possibilidade, depois de defender, em 1980, de ir para a UFF. Eu queria ser professor de História do Brasil e era lá que eu queria. Não havia vagas, quando aparecia, eu via que os colegas eram bem mais especializados que eu em História do Brasil e que eu ia me dar mal, aí eu ficava aterrorizado e não tentava. Até que apareceu a possibilidade de uma vaga para História Medieval, nunca tinha pensado nisso, jamais! Gostava muito de História Medieval, tinha me dado muito bem na PUC, mas não era especialista em História Medieval, apesar de gostar do tema. Fiz a seleção, e como já disse, passei e lecionei na UFF. Nessa época cheguei a trabalhar em cinco lugares ao mesmo tempo e o carro era uma coisa necessária, era meu instrumento de trabalho, não podia deixar de ter. O único lugar que eu não gostava de usar carro era pra Niterói, porque pegava barca. Eu ia de barca, pensando na aula, no sossego da barca – na volta eu não tinha sossego, os alunos deixavam a aula e me seguiam até a barca, atravessavam na barca, sentados todos ao meu lado. Era um verdadeiro carnaval da barca, conversando, fazendo algazarra, perguntas. Era assim que era a barca na minha volta da UFF. Lá, fui efetivado na década de 1980, quando estava fazendo o doutorado. O cargo era de dedicação exclusiva, tive que então abandonar tudo. As aulas que eu lecionava antes eram como professor substituto, por contrato.

Sobre minha vinda para a UFRJ, foi uma coisa muito curiosa. Eu me aposentei da UFF e voltei a trabalhar na PUC e nesse curso de História da Igreja. Fiz o concurso para a UFRJ em 1997, também foi do mesmo jeito, eu não queria nem fazer o concurso, se eu já sou aposentado, como é que pode fazer concurso? Claro que as nossas leis permitem, mas eu nem sabia isso. Então, fiz o concurso com um pouco de receio, já aposentado, já doutor. Eu pensava “como é que eu vou reprovar em um concurso! seria uma vergonha!”. Só tinha uma vaga e a vaga caiu nas minhas mãos. No ano seguinte, quando foi aberto um novo concurso a candidata que eu mais gostei, dentre os meus concorrentes do ano anterior passou e hoje é minha colega, a

professor Beatriz de Mello e Souza⁷. Passou no ano seguinte e veio trabalhar comigo aqui e por quem eu tenho um carinho e um respeito muito grandes.

Então eu entrei aqui em 1997, estou saindo agora, após 20 anos de UFRJ. Aqui era Departamento de História, não era Instituto de História ainda! E aqui, a experiência foi muito gostosa, porque eu trouxe toda essa carga de leitura e de estudo e isso foi fundamental, porque quando eu fui pra UFF, eu ainda tive que aprender muito. Sobretudo, tive que lutar muito contra uma tendência que na década de 1980, dominava o Brasil todo que era a História Econômica, a historiografia marxista, que influenciava todos os cursos de História. Isso era complicado, porque, por mais que eu tivesse simpatias por tendências mais de esquerda em termos políticos, eu não tinha em História Medieval. Eu tinha um pouco de cansaço em ter que seguir uma cartilha. Em Niterói, eu chegava a ser policiado por alunos mais velhos da turma. Se eu não apresentasse na História Medieval o modo de produção feudal, os alunos faziam bloqueio às aulas. Então, eu tinha que apresentar tudo pelo modo de produção feudal, mesmo que depois eu desse as minhas escapadelas, mas modo de produção feudal eu tinha que falar o tempo todo. A História Econômica dominava, era um pouco demais para quem já estava conseguindo ir para outros campos da historiografia Sobretudo, através da historiografia francesa. Essa questão me incomodava muito e aqui na UFRJ eu não precisei fazer isso. Os tempos tinham mudado, os alunos tinham mudado, as cabeças tinham mudado e eu estava completamente livre para ensinar História Medieval como eu achava que devia ser, não a História Econômica só, não uma historiografia única, não tinha que falar o tempo todo de modo de produção feudal. Foi uma experiência muito boa porque eu pude dar as aulas que eu gostaria e seguindo, então, linhas historiográficas que eu tinha também aprendido. Saí um pouco da historiografia francesa, consegui me abrir a uma historiografia inglesa, americana, mas mais inglesa.. Me abri mais para o campo, comecei a ler também muitos autores italianos e alemães, em tradução francesa. Mas, voltando aqui, eu comecei, então, a ver que os próprios alunos, também, graças aos meus colegas em outras áreas, estavam libertos daquele monolitismo historiográfico. Isso é muito bom, e me permitiu avançar bastante. Obviamente que vocês todos tiveram que pegar um professor de idade avançada (quando eu percebi já não era nenhuma criança, mais ainda também não era tão velhinho, não estava na idade de aposentar, portanto fiquei 20 anos) e, na realidade, eu não consegui de fato mudar muito pedagogicamente. Ao contrário, eu senti até

⁷ Maria Beatriz de Mello e Souza é professora de História Medieval da UFRJ e coordena o Centro de História da Arte (CHA) na mesma Universidade. Suas linhas de pesquisa atuais são: iconografia cristã, circulação de imagens no império português e culto de imagens na Europa e na América Portuguesa, com ênfase nos séculos XV-XVIII.

que nesses últimos anos, eu fiquei parado, fiquei dificuldades de levantar e ir ao quadro, de usar qualquer aparelho moderno. Vocês sabem que isso não existia porque tudo era mapa de enrolar embaixo do braço. Os meus colegas mais modernos, alguns deles foram meus alunos, brincam: “Francisco você ainda usa mapa? Que coisa mais esquisita? Uso e tem outras pessoas que também usam!” Quando eu estava na PUC, às vezes faltava professor, e para cobrir o horário de História Medieval do Departamento de História, eles me chamavam. Na época o Departamento de História contava com os professores Falcon⁸ e Ilmar⁹. Daqui, Vitor Izeckzon¹⁰ e Monica Grin¹¹ foram meus alunos de História Medieval e até hoje Mônica me cumprimenta com o carinho que eu sinto no sorriso dela. Victor não, Victor já é mais de me gozar, como a história do mapa.

AH: E como o senhor vê hoje o fazer História Medieval no Brasil? O que você vê hoje as pessoas fazendo e o que acha do campo?

FJ: Entre os meus anos de aluno e os meus primeiros anos na UFF, que foi a partir de 1980, eu devo dizer que o quadro mudou. Hoje, História Medieval é um campo muito importante no Brasil. Nós temos professores com doutorado em História Medieval pelo Brasil todo. Eu tive uma aluna na UFF que hoje é professora da Universidade em São Luís do Maranhão, só para dar um exemplo. E você nota a quantidade de alunos que escolhem no mestrado e no doutorado

⁸ Francisco José Calazans Falcon é professor emérito do Departamento de História da UFF. Foi professor da antiga Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É especialista em História Moderna e Contemporânea com ênfase no Mercantilismo e na Ilustração portuguesa, destacando-se no período Pombalino. Desenvolve pesquisa nos seguintes temas: Historiografia brasileira, História da historiografia, História moderna e contemporânea, História cultural e História política.

⁹ Ilmar Rohloff de Mattos, professor da PUC-Rio, é autor de *O tempo Saquarema*, publicado em 1987 pela Hucitec, fruto de seu doutoramento. Tem nas áreas de História do Brasil Colônia e Império seus campos de pesquisa.

¹⁰ Vitor Izecksohn é professor de História da América do IH/UFRJ e do PPGHIS/UFRJ. Seus interesses de pesquisa incluem os estudos comparativos sobre militares e sobre a administração pública no Brasil e nos Estados Unidos durante o século XIX, com ênfase na História do Recrutamento militar, nas comparações a respeito do impacto das guerras externas sobre os processos de formação dos Estados nacionais e no pensamento político no Brasil e nas Américas. Através de comparações realiza pesquisas sobre a expansão do poder público, especialmente no que se refere ao avanço dos processos de extração de impostos e de soldados. Seu mais recente livro é *Slavery and War in the Americas: Race, Citizenship and State Building in the United States and Brazil, 1861-1870*, publicado pela *University of Virginia Press*. O livro foi laureado com a menção honrosa da Brazil Section da Latin American Studies Association em 2015.

¹¹ Mônica Grin é professora de História Contemporânea no IH/UFRJ e do PPGHIS/UFRJ. Possui pesquisas na área de História Contemporânea, com ênfase em racismo, pós-abolição, antissemitismo, holocausto, judeus no Brasil, multiculturalismo e história dos sentimentos morais. É autora, entre outros, de *Raça: debate público no Brasil* (2010) e, em coautoria com Michel Gherman, e *Identidades ambivalentes: estudos judaicos no Brasil e seus dilemas* (2016). Coordena, desde 2008, o Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos da UFRJ (NIEJ).

História Medieval, o que mostra uma continuidade do processo, não uma interrupção. É claro que as temáticas variam muito. Esse trabalho agora, por exemplo, dessa aluna que estou lendo é sobre rainhas, segundo um conceito novo da historiografia, que é o *Queenship*. Há o caso das guerras, por exemplo. Como é que pode ser professor de História Medieval e não gostar de tratar da guerra, de todos os sentidos da guerra, quando a guerra foi a coisa mais normal e mais diária da História Medieval? Em História Medieval me interessa sempre a História Econômica (obviamente, pelo tanto que tive que estudar), a História da Igreja, e depois a História Social e a Cultural. A Cultural em seus mais variados aspectos, desde as igrejas góticas, até a literatura, pela qual sou apaixonado, essas coisas todas. Agora, me perguntam: “Você já escreveu alguma coisa sobre guerra?” Não. Então, quando eu falo de guerra na Idade Média, falo a partir das coisas mais lineares da historiografia, é um dos campos que eu tenho, de fato, maior desconhecimento da História Medieval. E é a coisa mais comum na Idade Média. E agora, que eu tive que falar sobre a guerra, neste evento que vou participar de História Medieval, eu fiquei pensando: qual tema que eu vou falar...? Até que eu consegui descobrir, aí coloquei como título da comunicação: “A Cristandade medieval e a teoria da Guerra justa”. Agora em termos mais historiográficos, eu sigo mais a historiografia francesa e obviamente não estamos mais em Marc Bloch, ela mesma já mudou muito. Mas gosto muito de ler, como a língua estrangeira que eu leio mais facilmente é o francês, há uma certa tendência a facilitar as coisas. Mas eu hoje leio muita coisa que é produzida por historiadores ingleses, americanos, e em outras línguas. Graças às traduções que fazem hoje, também os franceses ficaram olhando menos para o próprio umbigo e leem toda essa historiografia. Porque eles próprios já se abriram a esses campos historiográficos e saíram da redoma. E eu acompanhei, como francófilo, a própria evolução da cabeça francesa.

AH: Ao organizar um dossiê de História Medieval, o comitê da *Ars Histórica* junto da coordenação do PPGHIS/UFRJ, teve como ideia prestar uma justa homenagem ao senhor, que foi um importante professor na formação de inúmeros colegas. Agora, para encerramos a entrevista. Quais os planos para a aposentadoria?

FJ: Bom, a última aula que dei foi dia 28 de junho, eu posso dizer que agora que estamos em final de outubro, eu usei esse tempo pra férias, primeiro, para descansar, porque eu precisava depois de tantos anos. Depois, comecei a pesquisar um tema para a apresentação de Portugal,

da Academia Portuguesa da História. De que eu sou membro, graças aos professores portugueses que me conheceram no primeiro encontro a que eu fui no Sul, em Porto Alegre, que era o quinto encontro. Foi quando eles me conheceram e naquela semana já me convidaram para ser membro da Academia. Você acredita numa coisa dessas? Eu nem sabia se o que eu estava ouvindo era verdade, ou se era mentira! Precisava de um trabalho decente, por mais que não vá falar nenhuma novidade para eles. Então agora nesta ida à Portugal vou aproveitar e participar das atividades da Academia. Então tem bastante coisa ainda para fazer.

E se quiserem que eu fale mais coisas sobre História Medieval, eu posso lhes dar uma aula, é só escolher o tema! E vocês vão dizer: “Ah, o professor desenvolveu o tema na entrevista (Risos)!”

Muito obrigado, Filipe e Juliana!

AH: Nós que agradecemos, professor!